

O ESTUDO DO NOME NA *GRAMMATICA EXPOSITIVA* (CURSO SUPERIOR) DE EDUARDO CARLOS PEREIRA

Márcia A. G. Molina*

RESUMO: Neste artigo estudamos a classe de nome na *Grammatica Expositiva (Curso Superior)* de Eduardo Carlos Pereira, à luz da História das Idéias Lingüísticas Brasileiras. No transcorrer do texto, pudemos verificar que o autor adaptou seu manual de acordo com a doutrina exposta pelos mais importantes estudiosos à época, como a dos estrangeiros Darmesteter, Zambaldi, Bello; e a dos brasileiros: Júlio Ribeiro, Augusto Freire da Silva e João Ribeiro, imprimindo bastante modernidade à obra e inscrevendo-lhe noções até hoje apresentadas e discutidas pelos estudiosos da linguagem.

Palavras-chave: grammatica, substantivo, adjetivo, Eduardo Carlos Pereira.

PRELIMINARES

Neste artigo, um recorte de nossa tese de doutoramento¹, analisamos o nome Substantivo e Adjetivo na *Gramática Expositiva*² (*Curso Superior*) de Eduardo Carlos Pereira, verificando em que autores esse estudioso alicerça seu saber lingüístico.

A primeira edição da obra é de 1907 e, como sabemos, corresponde ao que Elia (1975) denominou de segunda fase do segundo momento do período científico dos estudos gramaticais

* Universidade de Santo Amaro.

¹ Defendida em outubro de 2004 na Universidade de São Paulo.

² Nosso olhar debruça-se sobre a 60ª edição, atualizada graficamente.

brasileiros cuja característica é o combate à base normativa de direção vernaculista.

Entender como esse estudioso, naquela época, definia e classificava essas categorias gramaticais e em quem se apoiava é melhor compreender esse momento de solidificação de nossos estudos gramaticais, trazer luzes para nosso saber lingüístico e procurar compreender um pouco mais das posturas gramaticais hodiernas.

Especificamos que nosso trabalho inscreve-se na História das Idéias Lingüísticas do Brasil.

1. NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Antes de iniciarmos a exposição das classes gramaticais, julgamos importante verificar como Pereira define o termo *gramática*: “Gramática (gr. *gramma* = letra) é a sistematização dos fatos da linguagem. (60. ed., p.19)”. Parecer ratificado tanto por Mason (1877, p. 7): “Grammar (from the greek *gramma* ‘letter’) is the science which treats about speech or language”, quanto por Darmesteter (1930, p. 6), na *Introdução* do seu *Cours de Grammaire Historique de la Langue Française*: “La conception de la grammaire comme science est, on peut le dire, une idée nouvelle, née avec la linguistique moderne”.

Urge destacar que, apesar de considerar a gramática uma *ciência*, Darmesteter não abandona a definição adotada pelos gregos e latinos e mantida por muitos estudiosos ao longo dos séculos:

La grammaire peut être considérée comme un art. C'est ainsi que l'envisageaient uniquement les grecs, les latins, le moyen âge, que l'envisagent encore les grammairiens modernes qui ne relèvent pas l'école historique. (op. cit., Première Partie, p. 6,7 grifos nossos).

Mais adiante, Pereira (p.19) completa, seguindo os passos de Darmesteter:

Existe uma boa tradição: a gramática tem o dever de a tornar conhecida e defendê-la (a língua) contra qualquer alteração. É ensinando o bom uso que ela não se contenta em ser ciência e torna-se arte. (grifos nossos)

Ao retomar a definição tradicional, Pereira está também prestigiando aquela função determinada pelos estudiosos greco-latinos: a *gramática é arte de bem escrever*. Paralelamente, reinaugura o pensamento dos enciclopedistas, classificando-a em *geral e particular*; e dá prosseguimento ao pressuposto da linha histórico-comparativa, ao chamá-la de *histórica e expositiva*.

Finalmente, espelhando-se nas gramáticas filosóficas do século XVIII – como a de Antonio José dos Reis Lobato³ – e de algumas das científicas do século XIX – como a de Alexander Bain (1874) – apresenta uma bipartição dos estudos gramaticais em *Lexeologia* e *Sintaxe*. É da primeira parte que trataremos agora.

2. LEXEOLOGIA

Pereira inicia o capítulo de sua gramática assim definindo o termo:

Lexeologia (gr. *Lexis* = palavra, *logos* = tratado) encara as palavras isoladamente em seus dois elementos fundamentais: em sua parte material que são os sons ou as letras, conforme se trata da palavra falada ou escrita, e em sua idéia ou significação. Por isso divide-se o estudo da Lexeologia em duas partes, a saber:

- FONOLOGIA
- MORFOLOGIA

conceituação bastante aparentada com a de Júlio Ribeiro (*op. cit.*, p. 2):

A lexeologia considera as palavras isoladas, já em seus elementos materiais ou sons, já em seus elementos mórficos ou formas. A lexeologia compõe-se de duas partes: fonologia e morfologia.

³ Fávero (1996, p. 195) ensina-nos que a *Arte da gramática da língua portuguesa* de Antonio José dos Reis Lobato (1770) apresenta uma divisão geral da gramática em *etimologia e sintaxe* e uma mais particular em *ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe*.

Parece-nos possível que ambos os autores já estivessem vislumbrando a dicotomia *significante/significado*, proposta por Saussure no início do século XX:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la 'material', é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 1999, p. 80)

Exatamente essa parte da dicotomia saussureana – a que trata do *conceito, do elemento imaterial, mais abstrato* – será o objeto de nossas discussões a seguir.

2.1. Morfologia

Novamente, o capítulo da obra é iniciado com a definição do termo:

Morfologia (gr. *morphé* = forma, *logos* = tratado) é a parte da lexeologia que estuda a palavra em seu elemento imaterial, isto é, em sua idéia ou significação (p.81), dividindo-a em taxonomia e etimologia.

Como o objetivo deste artigo é analisar o *nome* neste compêndio gramatical, restringiremos nosso estudo à taxonomia.

2.1.1. Taxonomia

Por esse termo Pereira entende o *estudo das diversas classes de palavras e das suas propriedades em relação à idéia que expressam* (p. 81), inscrevendo os vocábulos, em *oito classes* ou *categorias*: substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição, como herança à gramática grega e latina:

As oito classes remontam a Dionísio e Apolônio Díscolo (...), chegam a Prisciano que exclui o artigo, já que o latim não o possui e inclui a interjeição. (FÁVERO, 1996, p. 173)

La théorie des parties du discours nous vient des grammairiens du XVI et du XVII siècles, qui en reçurent les principes des grammairiens du moyen âge, héritiers des Latins lesquels s'étaient eux-mêmes inspirés des Grecs. (DARMESTETER, 1930, p. 1 - Deuxième Partie)

Essa mesma inserção foi a que atravessou os anos, tendo sido adotada por quase todos os gramáticos brasileiros até o número das categorias gramaticais ter sido fixado pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Na Itália, Zambaldi (1905, p. 9) já distribuía os vocábulos da língua italiana nessas dez classes de palavras:

La parole come parti del discorso si distinguono nelle classi seguenti: articolo (...) nomi sostantivi (...) nomi aggettivi (...) numerali (...) pronomi (...) verbi (...) avverbi (...) preposizioni (...) congiunzioni (...) interiezioni (...)

segundo os passos de Nebrija (*op. cit.*, p. 58):

Nosotros como los griegos no distinguiremos la interjección del adverbio; y añadiremos con el artículo el gerundio, el cual no tienen los griegos ni latinos. Assí que serán por todas diez partes de la oración en el castellano: nombre, pronombre, artículo, verbo, participio, gerundio, nombre participial infinito, preposición, adverbio, conjunción. (...)

Pereira reúne ainda as palavras em dois grupos organizados quanto à flexão: o das *variáveis* – substantivo, adjetivo, pronome e verbo – e o das *invariáveis* – advérbio, preposição, conjunção e interjeição.

No século XVIII Antonio José dos Reis Lobato⁴, iluminado pelos manuais greco-latinos, propunha a divisão das palavras também em dois grupos: o das *declináveis* e o das *indeclináveis*; já no XIX e Sotero dos Reis, Augusto Freire da Silva, Alfredo Gomes, João e Júlio Ribeiro faziam proposta similar à de Pereira, ou seja,

⁴ Ver Fávero (*op. cit.*, p. 195).

classificavam os vocábulos em palavras *variáveis* e *invariáveis*, mudando o nome, mas não a *substância*, talvez para instaurar *modernidade ao texto*.

2.1.1.1. O substantivo e o adjetivo na Grammatica Expositiva (Curso Superior)

O autor inicialmente define a primeira categoria gramatical como: "A palavra com que nomeamos seres animados ou inanimados" (p. 82).

Em seguida, e em notas, esclarece que nela devemos distinguir duas noções distintas: a da *compreensão* e a da *extensão*. A primeira é formada *pelos caracteres distintivos do ser nomeado pelo substantivo*; a última, *por todos os seres abrangidos pela compreensão*, que integra os caracteres que constituem o animal, ou seja, seu *organismo vivo*. Com isso, acrescenta, quanto maior for a *compreensão*, menor será a *extensão*.

Esses conceitos foram também observados por Maximino Maciel (*op. cit.*, p. 416, 417) e minuciosamente discutidos na parte intitulada *Semiologia* de sua gramática, momento em que lecionava:

Duas são as propriedades semânticas dos termos: extensão e compreensão.

Extensão é o maior ou menor número de indivíduos a que se estende a significação da palavra. Ex. Animal/homem (...)

Compreensão é a idéia, a noção que nos desperta o termo, o conjunto de qualidades do objeto, da coisa ou pessoa (...) A extensão está na razão inversa da compreensão. (p. 416,417)

Amparados em Darmesteter (*op. cit.*, p. 11, 12 – Deuxième Partie):

Les noms communs, concrets ou abstraits, ont plus ou moins d'extension (ou d'étendue) suivant qu'ils s'appliquent à un plus grand ou à plus petit nombre de choses, c'est-à-dire suivant que les espèces qu'ils désignent sont plus ou moins considérables. Ils ont plus ou moins de compréhension suivant que les objets désignés ont plus ou moins d'attributs caractéristiques. Ainsi:

Végétal a plus d'extension que plante

Plante - - que arbre
Arbre - - que chêne
(...)

Ou em Bréal (*op. cit.*, p. 81) que chamou o fenômeno de *restrição e ampliação*:

(...) nossas línguas, por uma necessidade cujas razões se verão, são condenadas a uma perpétua falta de proporção entre a palavra e a coisa. (...) Não nos apercebemos dessa falta de ajuste, porque a expressão, para aquele que fala, corresponde em si mesma à coisa (...) graças ao lugar, ao momento, à intenção visível do discurso, e porque no ouvinte, que é sempre metade em toda linguagem, a atenção indo direto ao pensamento, sem se deter no valor literal, a restringe ou a estende segundo a intenção daquele que fala.

Hoje, estudiosos da Linguística discutem os hipônimos e hiperônimos, assim os definindo:

Hiperônimo é o termo cuja significação inclui o sentido (ou sentidos) de um ou de diversos outros termos chamados 'hipônimos'. O sentido do nome da parte de um todo é hipônimo; e o do todo que é o seu é o hiperônimo. Assim, animal é hiperônimo de cão, gato, burro etc. (DUBOIS *et al.*, 1978, p.323)

Com isso, podemos afirmar que Pereira remete-nos, ao mesmo tempo, à corrente evolucionista do século XIX⁵, e às do final do século XX.

Na seqüência, o autor ensina que as *diversas espécies de substantivos* podem ser estudadas em diferentes classes, oferecendo-nos uma partição bastante acurada e a mesma encontrada ainda hoje nas gramáticas escolares: substantivos concretos/abstratos; próprios/comuns; primitivos/derivados; simples/compostos; coletivos. Depois, preconiza que os *patronímicos perderam sua força e hoje, inclusive, são grafados com -s*, como: *Rodrigues, Sanches, etc.*

Ensina-nos Câmara Jr. (1975, p. 208) que a forma mais comum do sufixo *-es* era *-ici*, de que resultou o espanhol *-ez (átono)* e

⁵ *Organismo vivo, seres animados e inanimados.*

português *-es*. Daí surgiu uma série copiosa de sobrenomes em *-es*, que muito cedo se fixaram, perdendo a referência patronímica específica: *Álvares* (filho de *Álvaro*) (...)

Pereira informa em seguida que os substantivos variam a terminação na flexão de gênero, número e grau, passando para a discussão da flexão dos substantivos. No *gênero gramatical*, são os pressupostos da corrente naturalista que irão amparar o autor: “Gênero gramatical é a propriedade que tem o substantivo de indicar pela sua forma o sexo real dos *seres vivos*, ou o *sexo suposto dos seres inanimados*” (p. 85, grifos nossos).

Mas, reminiscências da gramática latina ao lado de valorização da corrente naturalista são percebidas adiante, mais uma vez, quando, em *nota*, Pereira explica:

Distinguem-se nos seres animados dois sexos – o sexo masculino ou o *macho*, e o sexo feminino ou a *fêmea*. Esta distinção natural dos indivíduos vivos é designada em gramática pela palavra *gênero*, do latim ‘genus’ que quer dizer ‘classe’. (...) no latim e no grego existem três gêneros gramaticais: o masculino, o feminino e o neutro. A existência desses três gêneros indica a intenção primitiva de transportar para o uso vivo da língua as distinções *naturais*; conformando-se os fatos na linguagem falada com os fatos da natureza. (p. 85,86, grifos nossos.)

Muitos anos antes, mais precisamente em 1832, na sua *Gramatica Castellana*, Andrés Bello asseverava:

Los géneros no son más que clases en que se han distribuido los sustantivos según la diferente terminación de los adjetivos con que se construyen. Sin duda la diferencia de sexos fué que originalmente dió motivo a la diferencia de géneros. Pero una gramática no debe representar lo que fué, sino lo que és actualmente. La diferencia de sexos que servió de base a los géneros de los nombres en la primera época de las lenguas (...) (in *Estudios gramaticales*, 1951, p. 181)

Reinaugurando os dizeres de Andrés Bello, o gramático brasileiro finaliza a discussão dos gêneros, afirmando que são dois os modos pelos quais se determinam o gênero em português: pela significação e pela terminação e oferece-nos uma grande relação de nomes masculinos com sua respectiva flexão.

Finaliza o assunto com *Propriedades genéricas*, apontando que os substantivos que possuem uma só forma para indicar ambos os sexos chamam-se *epícenos*⁶; e os que admitem os dois gêneros gramaticais com apenas uma forma são os *comuns de dois*.

O *Compêndio de Gramatica Castellana* (1937), obra póstuma de Andrés Bello, assim nos ensinava o gênero dos substantivos:

Hay substantivos que varían de terminación y de género según el sexo a que se aplican (...) Otros, que sin variar de terminación varían de género según el sexo a que se aplican (...) Llámense comunes de dos géneros, o comunes de dos, o comunes. (...) Otros, que significan seres animales en que regularmente no se atiende al sexo, y que son de ordinario de una misma terminación y género, ya masculino (.) ya femenino (...). Estos substantivos se llaman epícenos. (in *Estudios gramaticales*, 1951, p. 329-330)

Aqui, no Brasil, Augusto Freire da Silva (*op. cit.*, p. 123) já apresentara também proposta similar:

Chama-se gênero do nome a propriedade que tem o substantivo de indicar o sexo do indivíduo que significa. (...) Considerando o substantivo quanto ao gênero, divide-se em nome do gênero masculino e nome do gênero feminino. (...) Há contudo nomes de entes animados, que não têm esta propriedade. Tais são os nomes epícenos ou promíscuos e os comuns de dois.

Em seguida, Pereira começa a ensinar *flexão numérica*, tanto dos substantivos simples quanto dos compostos, por meio das inúmeras regras de formação do plural, tão atuais que continuam fazendo parte de nossas gramáticas hodiernas.

Nas *Particularidades numéricas dos substantivos*¹, discute o plural dos diminutivos, de muitos nomes estrangeiros e, finalmente, a *metafonia*. Em relação a ela, julgamos importante destacar que, em *nota*, o autor esclarece: “Mandam Epifânio Dias, Adolfo Coelho e Monteiro Leite, em suas gramáticas, pronunciar-se pescóços e

⁶ Notamos que nos *epícenos* o autor inscreve não só os substantivos que designam animais, como os que hoje entendemos como sobrecomuns: testemunha, vítima, etc., atendendo, possivelmente à etimologia da palavra (*epi* = posição superior, superioridade; *-ceño* = comum).

almóços. É sem dúvida essa a pronúncia de Portugal” (p. 97), revelando, portanto, já considerar tal variante diatópica.

O assunto é encerrado com a apresentação de um rol de substantivos apenas usados no plural e no singular; e por uma lista daqueles que, ao mudarmos sua flexão, vemos alterado seu significado, como *liberdade, liberdades (atrevidimento)* (p.100).

O autor passa, então, a discutir o *grau*, ensinando: “Grau do substantivo é a propriedade que tem este de indicar, por terminação ou flexão apropriadas, as dimensões do ser por ele nomeado (...)” (p.100).

Tal definição leva-nos a deduzir que, já naquela ocasião, observava ser a questão de grau de natureza tanto derivacional, quanto flexional, discussão essa já iniciada por Júlio Ribeiro (*op. cit.*, p. 94): “A flexão nominal gradual consiste na adição de desinências aumentativas ou diminutivas aos nomes em grau normal”, e retomada muitos anos mais tarde por Mattoso Câmara Júnior (1970, p. 83):

Anoto-se a propósito que o conceito semântico de grau abrange tanto os superlativos como os aumentativos e diminutivos. Por isso Othoniel Motta considerou aumentativos e diminutivos uma flexão dos substantivos (...)

Pereira inscreve, então, os substantivos em três graus: positivo ou normal, aumentativo e diminutivo, exteriorizando seu apego à tradição latina. Pacheco e Lameira, anos antes, diriam: “Herdamos do latim três graus: positivo, comparativo e superlativo”.

Nosso gramático finaliza o estudo da flexão gradual com importantes observações: a primeira diz respeito ao fato de os aumentativos e os diminutivos poderem adquirir valor pejorativo; a segunda discute o diminutivo com valor afetivo, e a última destaca a grande variedade e riqueza de nossas flexões de grau, fazendo com que a língua estenda até ao adjetivo e ao advérbio *flexões do substantivo com valor superlativo*: (...) *chegado-chegadinho, tantotantinho; bêbado-beberrão*. (p.101). Júlio Ribeiro (*op. cit.*, p. 90) afirmou: “A facilidade de flexão gradual é um dos elementos da vida energética e da mobilidade graciosa da língua portuguesa”.

Depois, começa a discorrer sobre o *adjetivo*, assim o definindo: “Adjetivo é a palavra que tem por função modificar o substantivo, indicando-lhe as qualidades ou determinando alguma circunstância externa de sua existência (...)” (p.103).

Essa inovadora definição⁷ pareceu-nos ter sido orientada por Whitney (*op. cit.*, p. 4):

Because the adjective thus defines a quality as belonging to the thing expressed by the noun, it is said to QUALIFY the noun. Or again, as the addition of the adjective changes more or less the value of the noun, it is also said to MODIFY (that is change somewhat) the noun.

Em notas, lembra a possibilidade de o adjetivo substantivar-se e do substantivo adjetivar-se, frisando que tal característica fora notada pelos latinos que os inscreviam na classe dos *nomes*.

Continuando, classifica-os em *qualificativos*⁸: os que modificam os substantivos, indicando-lhes uma qualidade; e os *determinativos*: aqueles que apontam uma circunstância externa do substantivo. Esses últimos podem, também, ser de sete tipos: articulares, demonstrativos, conjuntivos (ou relativos), interrogativos, possessivos, numerais e indefinidos, seguinte Augusto Freire da Silva (*op. cit.*):

ADJETIVO DETERMINATIVO

Pereira	Augusto Freire da Silva
Articular	Articular: Artigo Adjetivo demonstrativo
Conjuntivo	Conjuntivo
Interrogativo	Interrogativo
Numeral	Numeral
Indefinido	Quantitativo
Possessivo	Possessivo
Demonstrativo	-----

⁷ Os precursores de Pereira definiam *adjetivo* como a palavra que *qualifica o substantivo*.

⁸ Inscreve aqui os *pátrios ou gentílicos (sic)*.

Já João Ribeiro (*op. cit.*, p. 17) traz uma análise que só não é igual à de nosso autor porque reúne os numerais e os indefinidos em uma outra classe denominada *quantitativos*.

Pereira, então, especifica e exemplifica cada um desses adjetivos e dá por finalizado o estudo com os *correlativos*, ou seja, aqueles que, ordinariamente pronominalizados, *reciprocamente se relacionam e reclamam: tal... qual, tanto... quanto, um... outro etc.* (p.110).

Parte então para a discussão da flexão dessa classe de palavra, preconizando que os adjetivos, como os substantivos, variam em gênero, número e grau. Trata do primeiro e do segundo tipos de flexão sem informar que elas ocorrem semelhantemente à variação do substantivo, como fizeram muitos de seus predecessores, mas indica que ambas as flexões estão subordinadas aos termos a que se referem.

Ao grau, o autor dedica um minucioso estudo, resultado, possivelmente, de seu apego à tradição latina, iniciando pela inserção dos adjetivos em três espécies: positivo ou normal, comparativo e superlativo, somando a definição e a exemplificação de cada um e encerrando com uma lista dos que, no superlativo, possuem uma ou duas formas irregulares, como: grande, grandíssimo, máximo; negro, negríssimo, nigérrimo. Sabemos que a flexão de grau constituiu uma verdadeira *questão* gramatical na virada do século, que teve na figura de Otoniel Mota (1927, p. 37) um grande contestador:

(...) Quando nós tivermos entrado por um caminho racional; quando as nossas gramáticas se libertarem das fórmulas ocas do passado, ou não se falará mais em graus do adjetivo, ou dir-se-á o seguinte: (...) os graus do adjetivo são os mesmos dos substantivos (...): grau normal (...); aumentativo, diminutivo (...).

Em uma outra obra⁹, em *Notas ao professorado*, aponta:

Não trataremos do grau dos adjetivos, porque é coisa que não existe em nossa língua como fenômeno morfológico. O capítulo que de tal suposto fenômeno

⁹ *Chave da língua: primeiras noções de gramática ministradas à infância*. São Paulo: Estabelecimento gráfico Irmãos Ferraz, s/d, p.30.

existe em nossas gramáticas é uma prova de como, às vezes, nos apegamos a formas ocas do passado, transportando para o nosso meio aquilo que só vale bem em outro. Donde nasceu o capítulo a que nos referimos? Nasceu da gramática latina, grega, alemã, inglesa, nas quais havia um fenômeno morfológico desaparecido nas línguas filhas do latim (...)

Como já dito na discussão do *substantivo*, Câmara Júnior ratificou anos mais tarde a posição de Othoniel Mota, quando discorreu sobre o *grau do nome*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos constatar, o saber lingüístico de Eduardo Carlos Pereira relativamente à questão do *nome* alicerça-se no dos principais estudiosos que lhe foram antecessores, tanto dos seguidores da corrente tradicional, como Nebrija e Reis Lobato; quanto os da científica, como Darmesteter, Whithney, Mason, Bain e Júlio Ribeiro, Pacheco e Lameira, Alfredo Gomes etc. A valorização de ambas as correntes que perpassavam pelo imaginários dos estudiosos da época já havia sido noticiada pelo autor no *Prólogo* da 1ª edição de sua obra:

A orientação que seguimos expola-e-mos em poucas palavras: Em primeiro lugar procuramos a resultante das duas correntes: – da corrente moderna, que dá ênfase ao elemento histórico da língua, e da corrente tradicional, que se preocupa com o elemento lógico na expressão do pensamento. Há verdade nas duas correntes: o erro está no exclusivismo de uma e de outra, ou melhor, na confusão de ambas. (P.III – 1907)

E essas suas reflexões a respeito da Língua Portuguesa são bastante aparentadas com as que encontramos hoje tanto em gramáticas escolares como em obras que analisam algumas das dificuldades gramaticais de nosso idioma.

BIBLIOGRAFIA

- BAIN, A. *Higher English grammar*. London: Messrs. Longmans & Co., 1874.
_____. *Companion to the higher english grammar*. London: Messrs. Longmans & Co., 1874.

MOLINA, Márcia A. G. O estudo do nome na *Grammatica Expositiva (Curso Superior)* de Eduardo Carlos Pereira.

BELLO, A. *Estudios gramaticales* (1862). Venezuela: Ministério de Educacion – Comision Editora de las obras completas de Andres Vello – Biblioteca Nacional, 1951.

_____.; Cuervo, J. *Gramática de la lengua castelana*. Niceto: Alcahã–Zamora Y Torres, 1862.

BREAL, M. *Ensaio de semântica*. Trad. Aída Ferrás, Eduardo Guimarães, Eleni Jacques Martins e Pedro de Souza. São Paulo: EDUC – Editora da Pontificia Universidade Católica – PUC, 1992.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

DARMESTERER, A. *Cours de Grammaire Historique de la Langue Française – Première Partie, Deuxième Partie, Troisième Partie*. Paris: Librairie Delagrave, 1930.

_____. *Cours de grammaire historique de la langue française – Livre Quatrième*. Paris: Librairie Delagrave, 1930.

DUBOIS et al., *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

EUA, S. *Ensaio de filologia e lingüística*. São Paulo: Grifo, 1975.

FÁVERO, L.L. *As concepções lingüísticas no século XVIII – A gramática portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

GOMES, A. *Gramática portuguesa*. 17. ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1918.

MACIEL, M. *Gramática descritiva*. 5. ed. São Paulo: Francisco Alves & Cia, 1914.

MASON, C. P. *English grammar (including the principles of gramatical analysis)*. Toronto: Adam Miller And Co., 1877.

MOTA, O. *Horas filológicas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. *Chave da língua: primeiras noções de gramática ministradas à infância*. São Paulo: Estabelecimento gráfico Irmãos Ferraz, s/d.

NEBRIJA, E. A. (1492) *Gramática castelana*. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, 1992.

PEREIRA, E. C. *Gramática expositiva*. 1. ed. São Paulo: Weiszflog Irmãos & Co., 1907.

_____. *Gramática expositiva – Curso Superior*. 60. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1943, 1944.

_____. REIS, S. F. *Gramática portuguesa (Acomodada aos princípios gerais da palavra seguidos de imediata aplicação prática)*. Maranhão: Tipografia de R. d'Almeida & C. Editores.

REIS LOBATO, A. S. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typographica, 1770.

RIBEIRO, J. *Gramática portuguesa*. 7. ed. São Paulo: N. Falcone & Comp., s/d. (1. ed. 1881)

_____. *Gramática portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1904.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1916.

_____. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1999.

SILVA, A. F. *Gramática portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Augusto Siqueira, 1906.

SILVA, P.; ANDRADE, L. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Livraria Clássica de Alves & C., 1894.

WHITNEY, W. D. *Essentials of English grammar*. Boston: Ginn & Company, Publishers, 1899.

Filol. lingüíst. port., n. 7, p. 65-79, 2005.

ZAMBALDI, F. *Gramatica della lingua italiana*. Milão: Società Editrice Sonzogno, 1905.

ABSTRACT: The objective of this work is to exam the question of *name* in the *Grammatica Expositiva (Curso Superior)* by Eduardo Carlos Pereira, based on the History of Brasilians Linguistics Ideas. The results of the analyses show that the author used in his book the most important scholars' theories, from the traditional line, like: Nebrija and Reis Lobato; and from the modern one, like: Darmesteter, Whitney, Mason, Bain and Júlio Ribeiro, Pacheco and Lameira, Alfredo Gomes, etc., printing modernity in his book and put in it concerns used and discussed until today by several language's students.

Keywords: grammar, name, adjective, Eduardo Carlos Pereira.